

os tratamentos que a sua experiência lhes sugeria. Assim um lembrava o caso dum tio, outro o dum visinho, etc., que teriam tido a mesma moléstia e que se teriam liberto dela desta ou daquela maneira. Conhece-se também como a classe sacerdotal súmero-acadiense-caldaico-assíria foi somando pacientemente durante séculos as suas observações sôbre os astros, e como, reduzidas essas observações a fórmulas práticas, isso lhe permitiu conhecimentos astronômicos que hoje espantam o historiador. A maneira como o açoreamento feito nos seus estuários pelos rios Tigre e Eufrates sugeriu a idéia de que a terra tivesse surgido das águas, as lendas teo cosmológicas que daí nasceram, a persistência dessa crença em Tales de Mileto (possivelmente confirmada pelo próprio caso da baía de Mileto) é frisante de como se constituiu de experiência em bruto o primitivo saber.

Foram os gregos que desbastaram racionalmente todo êste legado secular de observações acumuladas pelos antigos. A existência duma classe rica vivendo na ociosidade, o carácter aberto da religião grega (de quem alguém disse que era mais um culto do que uma religião), o espírito retórico e disputador dos helenos (exercitado nas assembleias políticas populares), a posição da Grécia como empório comercial marítimo e, portanto, como centro de convergência das experiências particulares dos povos ribeirinhos do Mediterrâneo, — tudo isso explica o desenvolvimento racional, «poseur», especulativo, da ciência grega. Podemos dizer sem exagêro que os benefícios incalculáveis do espirito grego se alimentaram do sistema escravagista e do imperialismo comercial que vigoraram na Grécia.

Mas o carácter fechado do escravagismo, a sua esterilidade evolutiva (que vai conduzir ao marasmo do fim do império romano e de grande parte da época feudal, ao parcelamento da sociedade em pequenas autarquias) coïncidem com a fase escolástica do conhecimento, o qual só se revigora pelo renascer da actividade comercial no dealbar do lucrativismo moderno.

A ciência, pode dizer-se, só encontra o ritmo vertiginoso do seu progresso actual quando, multiplicando-se em meios auxiliares da actividade económica, se apresenta como uma fonte de lucros. Para o saber científico surgiu então uma idade do ouro. Os hinos à ciência declamados desde as tribunas políticas e académicas, aos fundos dos rotativos, faziam crêr que tinha surgido enfim a maioridade do género humano. A «sociedade natural» dos teóricos da Revolução Francesa parecia encontrar um eco no optimismo científico dos Pasteur, dos Claude Bernard, dos Comte e dos Renan.

Mas novos progressos da ciência cimentaram o carácter relativo e problemático dos resultados adquiridos. Por sua vez a evolução social mais próxima de nós, pondo os conflitos a que já nos referimos por alto (alíneas 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup>) deu impulso a uma reacção vigorosa contra o alargamento contínuo do campo da ciência e contra o crescente domínio que ela exercia sôbre o homem moderno. «Bancarrota da ciência!» tal o pregão demagógico que sucede ao acto de fé de Renan. Mas êste pregão foi mais um grito de impotência do que o reconhecimento duma verdade: é que já fomos tão longe na aventura do saber científico que até muitos «homens de boa vontade» foram contagiados por essa tentação demoníaca. Do resto... a História decidirá.

J O F R E A M A R A L N O G U E I R A

## ESCLARECIMENTO

Para evitar mal-entendidos, e para esclarecimento de certas pessoas que se preocupam com ninharias, devemos informar que há duas pessoas com o nome Ramiro da Fonseca, tendo uma por nome de baptismo José e a outra João. Ramiro da Fonseca (José) habita a capital, é violoncelista, poeta à maneira «presencista», idealista, portanto, e muito longínquo em relação à «Síntese». Ramiro da Fonseca (João) habita em Coimbra, é estudante de medicina, não é poeta e pensa como bom materialista. É o director da «Síntese». Sucede que ambos são filhos dos mesmos pais, naturais do mesmo ponto do Alentejo. Sucede até que há entre êles semelhanças físicas notáveis, a ponto de já mais uma vez terem sido confundidos. E daqui se tira uma pequena lição: é que nem a psico-somática, nem as influências geográficas e climatéricas, nem a hereditariedade, bastam para explicar uma feição de carácter e mentalidade.